

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
CAMPUS BAURU

ANA CLARA CALDEIRA

UM OLHAR PARA O CROCHÊ: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo

BAURU

2023

ANA CLARA CALDEIRA

UM OLHAR PARA O CROCHÊ: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC UNESP/Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de Bauru.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro

BAURU

2023

C146o Caldeira, Ana Clara

UM OLHAR PARA O CROCHÊ : do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo /
Ana Clara Caldeira. -- Bauru, 2023

46 p. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Artes Visuais) - Universidade
Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design,
Bauru

Orientadora: Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro

1. crochê. 2. arte familiar. 3. arte-educação. 4. educação formal. 5. educação informal.

I. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
CAMPUS BAURU

FOLHA DE APROVAÇÃO

ANA CLARA CALDEIRA

UM OLHAR PARA O CROCHÊ: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
Artes Visuais, habilitação em Licenciatura, da Faculdade
de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design – FAAC
UNESP/Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”,
campus de Bauru.

Aprovado em: 04 de julho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro, FAAC – UNESP – Bauru

Profª Drª. Thais Regina Ueno Yamada, FAAC – UNESP – Bauru

Profª Drª. Tarcila Lima da Costa, FAAC – UNESP – Bauru

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço minha querida orientadora, Regilene. Nos momentos mais conturbados da pesquisa, suas orientações me guiaram para que eu possa hoje apresentar esse trabalho, que também é tão importante e querido para mim. Além de uma maravilhosa orientadora, suas aulas sempre prenderam meu interesse e seu carinho pela profissão sempre conseguia conquistar os educandos.

Agradeço a professora Thais, a qual sinto muito carinho e fico feliz pela amizade que construímos ao longo desses anos de curso. Sempre teve ótimas dicas para me oferecer e também ótimas recomendações de filmes, séries, doramas e receitas! Nossas conversas nos ateliês estarão guardadas comigo para sempre.

Agradeço a professora Tarcila, por me fazer enxergar a licenciatura com tamanho afeto e sensação de aconchego. Suas aulas foram de extrema importância para minha formação e sempre lembrarei de nossas experimentações em sala de aula, experiências essas que me ajudaram a enxergar a arte com outros olhos, percebendo que a arte pode ser divertida e orgânica e não tão séria quanto eu costumava enxergar.

À Coordenadora de Permanência Estudantil pela Bolsa COPE Conecta e pelo auxílio socioeconômico, que possibilitaram minha estadia na universidade. Sem esse apoio, essa pesquisa não seria possível.

À UNATI - Universidade Aberta à Terceira Idade, que me deu a possibilidade de colocar o que aprendi na licenciatura em prática. Fiz amigos que também guardo com muito carinho, como a Sr^a Hatsuko, o Sr. Massato, a Sr^a Lúcia, Sr^a Celly, Neia, entre outros! Uma das melhores sensações do mundo é estar com seus avós, e a UNATI me oportunizou vários!

Agradeço a UNESP - Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, que tem sido meu segundo lar durante muitos anos, oportunizando amizades e momentos únicos.

Agradeço especialmente ao meu namorado Matheus, que já está do meu lado por tantos anos da minha vida. Sem um porto seguro ao meu lado, não seria capaz de me focar no que é necessário. Me ajudou em tantas horas que achei que estava perdida, acendeu uma luz no fim do túnel pra que eu conseguisse chegar onde estou agora.

À minha mãe, que mesmo tendo uma vida tão difícil, fez o possível para que eu me formasse. Sem seu amor e seu apoio eu não conseguiria. Te amo imensamente.

Agradeço também à minha sogra, Marta. Seu apoio para que eu prestasse o vestibular foi fundamental, além da contribuição com referências em arte. Você é uma ótima professora, obrigada pela contribuição em minha formação!

Aos meus queridos amigos, que sempre me alegraram em situações diversas e permitiram que minha barriga doesse de tanto rir. Obrigada Bê, Lilly, Júlia, Dorinha, João, Tami, enfim, todos! Amo demais vocês.

Agradeço a todas as pessoas e instituições que tornaram essa pesquisa possível.

RESUMO

O presente trabalho pesquisa o crochê em diferentes esferas, como a esfera familiar e a esfera educacional. Essa arte tem forte ligação familiar, e muitas vezes o crochê é aprendido e transmitido entre as gerações da família, criando um vínculo mãe-filho, seja na família da mesma linhagem e sangue ou em uma em que o artista se vê presente e acaba, por fim, aprendendo o crochê. Essa arte, mesmo sendo comumente assimilada e aprendida de forma informal no domínio do lar, muitas vezes é vista sendo difundida em escolas com pedagogias que possuem enfoque no aprendizado e desenvolvimento criativo e hábil da criança, como as escolas com a pedagogia Waldorf em seu composto curricular. Por meio de levantamentos bibliográficos, a pesquisa visa investigar como o crochê é assimilado dentro do domínio familiar e educacional. Essa pesquisa tem motivação de caráter pessoal, visto que grande parte das mulheres de minha família são ligadas à essa arte. A pesquisa relacionada à esfera da arte-educação formal visa compreender como essa arte, comumente tão informal, tem o ensino formalizado em algumas escolas, e como essa arte atua no desenvolvimento sensorial, motor e criativo da criança, bem como também se faz presente na educação informal, por meio de oficinas e exposições educativas. A pesquisa de abordagem qualitativa, tem como procedimento metodológico, a revisão bibliográfica acerca da arte têxtil, enfocada no crochê, e para tanto, utiliza-se de livros, pesquisas de TCCs, dissertações, blogs, artigos e revistas. Espera-se, com essa pesquisa, trazer subsídios para o conhecimento do tema pesquisado.

Palavras chaves: crochê; arte familiar; arte-educação; educação formal; educação informal.

ABSTRACT

The present work researches crochet in different spheres, such as the family sphere and the educational sphere. This art has a strong family connection, and crochet is often learned and transmitted between generations of the family, creating a mother-son bond, either in the family of the same lineage and blood or in one in which the artist is present and ends up, ultimately, learning crochet. This art, even though it is commonly assimilated and learned informally in the domain of the home, is often seen being disseminated in schools with pedagogies that have a focus on learning and creative and skillful development of the child, such as schools with Waldorf pedagogy in their curriculum. Through bibliographic surveys, the research aims to investigate how crochet is assimilated within the family and educational realm. This research has a personal motivation, since most of the women in my family are connected to this art. The research related to the sphere of formal art-education aims to understand how this art, commonly so informal, has formalized teaching in some schools, and how this art acts in the sensorial, motor and creative development of the child, as well as is also present in informal education, through workshops and educational exhibitions. The research of qualitative approach, has as its methodological procedure, the literature review about the textile art, focused on crochet, and for this, uses books, research of final papers, dissertations, blogs, articles and magazines. It is expected, with this research, to bring subsidies for the knowledge of the researched theme.

Keywords: crochet; family art; art education; formal education; informal education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Magda Sayeg, Alpha Piece, crochê sobre maçaneta, 2005.	p. 16
Figura 02	Magda Sayeg, crochê sobre trailer.	p. 17
Figura 03	Magda Sayeg, crochê sobre ônibus, 2008.	p. 17
Figura 04	Ernesto Neto, Dengo no MAM - Museu de Arte Moderna, 2010.	p. 18
Figura 05	Fotografia de Meg Swansen com sua mãe, Elizabeth Zimmermann.	p. 19
Figura 06	Recorte da postagem da Mr.s Phelps na revista <i>Prairie Farmer Magazine</i> , em abril de 1885.	p. 21
Figura 07	Exemplos de crochês feitos no estilo <i>granny square</i> .	p. 22
Figura 08	Fabiana Cristina Mengue, primeiro crochê. Feito em meados de 2008. Foto tirada pela autora.	p. 24
Figura 09	Fabiana Cristina Mengue, crochê laranja. Feito em 2023. Foto tirada pela autora.	p. 24
Figura 10	Fabiana Cristina Mengue, pano de prato pintado e crochê. Foto tirada pela autora.	p. 25
Figura 11	Célia Regina Mengue Santos, caminho de mesa em crochê. Foto tirada pela autora.	p. 25
Figura 12	Célia Regina Mengue Santos, tapete em crochê. Foto tirada pela autora.	p. 26
Figura 13	Ivone Andreoli Mengue, crochê colorido. Foto tirada pela autora.	p. 26
Figura 14	Ivone Andreoli Mengue, tapete colorido no estilo <i>granny square</i> (usando sobra de linhas). Foto tirada pela autora.	p. 27
Figura 15	Thiago do Vale (Amiguruthi), “Ursus”. Feito em 2021.	p. 36
Figura 16	Eliana Bojikian Polito, Frivolité. Exposta na Exposição EntreMeadas.	p. 37
Figura 17	Artesãos do Projeto Crisálida confeccionando um Tapete Colmeia.	p. 38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CROCHÊ - LINGUAGEM E ARTE	15
2.1 Crochê no ambiente familiar	19
2.2 Crochê no ambiente escolar	27
3. O CROCHÊ NA ARTE-EDUCAÇÃO	29
3.1 Crochê na educação formal	32
3.2 O crochê na educação não-formal	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
ANEXOS	44

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa investigar como a arte têxtil, principalmente o crochê, está intrinsecamente inserido nas esferas do lar e do dia a dia, sendo muitas vezes tido como uma herança cultural e familiar, visto que essa arte, especificamente, é muito difundida nas relações mãe-filho. O termo mãe-filho, aqui cunhado, não necessariamente representa uma mãe ensinando para seu filho/prole, mas sim essa relação de uma mulher que, agindo como uma mãe, ensina para seus iguais em uma relação de troca de conhecimento, cultura e arte. Logo, também é comum que essa arte seja passada entre avós-netos e entre tias-sobrinhos também.

Mesmo a passagem de conhecimento sobre o crochê sendo comumente informal por se tratar de uma arte ligada à família e ao afeto, algumas escolas com pedagogias que focam no desenvolvimento manual, como a Waldorf, ensinam crochê e tricô nos primeiros anos escolares das crianças, além de vários outros trabalhos voltados para o melhoramento hábil das mãos, e há escolas que optam pelo ensino do crochê nas pausas entre aulas, como no caso da escola em Itajaí.

Essa arte também é amplamente difundida na educação informal, como oficinas no SESC – Serviço Social do Comércio, que também será abordado na pesquisa. Por se tratar de uma arte manual, o crochê tem notório potencial de estímulo sensorial nas crianças, ajudando no desenvolvimento dos sentidos e da imaginação. Alguns projetos, feitos em escolas que optam pela pedagogia Waldorf em seu ensino, estimulam a participação dos pais nas escolas, onde estreitam ainda mais a relação mãe-filho.

Mesmo a arte do crochê sendo amplamente difundida em toda nossa sociedade, não só brasileira, mas também global, pouco se fala do crochê como possibilidade educativa. A presente pesquisa traz a problemática da pouca aplicação dessa arte em ambientes educativos, tanto formais quanto não formais, dando atenção para algumas histórias que conseguiram resgatar o crochê no ambiente educativo.

A pesquisa tem por objetivo geral investigar possibilidades do crochê como arte, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito educacional. Os objetivos específicos são pesquisar a presença do crochê como linguagem e arte, o crochê nas áreas de expressão cultural e a arte familiar e o crochê como ferramenta de desenvolvimento de educandos dentro da arte-educação.

A presente pesquisa de abordagem qualitativa, tem como procedimento a revisão bibliográfica acerca do crochê e como essa arte está presente na esfera da família e da educação,

para tanto utiliza-se de livros, bem como pesquisas em TCCs, dissertações, teses, artigos, revistas, sites e entrevistas, com o principal intuito de compreender e analisar as esferas do crochê na educação e a herança cultural e familiar do crochê.

De acordo com Machado *et al.* (2007) fazer uma revisão da literatura é mapear o que já foi pesquisado, como fica evidente no seguinte excerto.

A revisão da literatura constitui-se em um mapeamento metódico sobre o que se tem pesquisado acerca do tema ou área de escolha do pesquisador. Trata-se de uma tarefa preliminar que permite identificar o que se sabe e o que não se sabe sobre um determinado tema ou problema de pesquisa, possibilitando a identificação de lacunas ou divergências em torno do objeto de estudo a ser abordado. (MACHADO, *et. al.*, 2007, p. 163)

Sendo assim, a investigação tem como finalidade, também, de trazer subsídios para o conhecimento pesquisado em questão, visando trazer novas visões e perspectivas acerca do tema.

Foram utilizados livros, artigos e dissertações para a fundamentação de base da pesquisa/fundamentação teórica. Dentre os livros destaca-se Brown (2011) em **“My Grandmother’s Knitting: Family Stories and Inspired Knits from Top Designers”**, que agrega para a presente pesquisa por apresentar uma perspectiva na relação familiar do ensinamento dessa arte, passando os conhecimentos do crochê através das gerações de várias famílias.

“Knitting and Well-being. Textile: The Journal of Cloth and Culture” (2014), escrito por CORKHILL, B. *et al*, é um artigo que discorre o crochê como forma de trazer bem-estar para quem o pratica, sendo benéfico para a gestão da saúde mental, bem como a manutenção das habilidades psicomotoras.

“Crochet: History and Technique” de Paludan (1995), aborda a história do crochê com o passar dos anos, desde os primórdios dessa arte, que se mostrou amplamente difundida em vários cantos do mundo.

Pezzolo (2019) contribui para a presente pesquisa com seu livro **“Tecidos - História, Tramas, Tipos e Usos”** onde a autora, por meio de pesquisas antropológicas, ajuda a trazer maiores subsídios sobre a história de onde o crochê teve sua origem.

A autora do artigo **“Knitting and the City”** (2015), Price, fomenta a pesquisa falando mais sobre o crochê puramente como arte, podendo ter uma forte influência em intervenções urbanas, possuindo muitas ligações com Ernesto Neto e suas artes.

Na tese de Wilson, intitulada **“O Corpo do Brasil: The Role of the Brazilian Body in the Art of Ernesto Neto”** (2010), Wilson aborda os diferentes “corpos” presentes nas artes de Neto, como o canibal e antropofágico, os fenomenológicos e concretos e os sexuais. O enfoque maior da pesquisa são as obras que, por si só, possuem uma força enorme de presença, tudo isso utilizando apenas fios emaranhados.

Ana Mae Barbosa, arte-educadora brasileira, traz contribuição na pesquisa com seu livro **“Arte-Educação no Brasil”** (2006), onde sua definição de arte é considerada.

Juntamente com Barbosa, Duarte Júnior também entrega sua definição de arte, onde é utilizado para tal, seu livro **“Por que Arte Educação?”** (2007).

Algumas entrevistas foram utilizadas para melhor fomentar a pesquisa e obter maior grau de entendimento sobre o tema. Na esfera escolar, foi mencionado uma entrevista retirada do G1 SC, intitulada **“Meninos e meninas passam intervalo em escola pública fazendo crochê em Itajaí”** (2017), ajuda a perceber como essa arte pode ser aplicável, também, no ensinamento formal em escolas periféricas.

Mourão e Oliveira (2021), no artigo **MEMÓRIA DO CROCHÊ: CULTURA AFETIVA EM OBJETOS BIOGRÁFICOS**, nos traz uma pertinente visão acerca da importância do crochê como cultura e memória.

O pedagogo, filósofo e professor Demerval Saviani, importante para a cena da docência no Brasil, marca presença com seu livro **O choque teórico da Politécnica. Trabalho, Educação e Saúde** (2003) e seu artigo **EDUCAÇÃO ESCOLAR, CURRÍCULO E SOCIEDADE: o problema da Base Nacional Comum Curricular** (2016).

Borges (2011), em seu livro **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**, apresenta a “boniteza torta” do crochê e a importância da arte como resgate histórico-cultural, bem como a relevância da arte feita à mão.

Kügelgen (1984) e Lanz (2016) trazem importantes considerações sobre a arte sendo um dos principais pilares de promoção de conhecimento.

Até o momento de elaboração desta proposta de pesquisa se observa que existem poucas pesquisas sobre o assunto abordado, mesmo que o crochê e como ele se relaciona com o passar de gerações, criando vínculos afetivos e sendo uma arte popular seja tão comum no dia a dia do brasileiro médio. A arte popular manual e têxtil, como o crochê, habitualmente se vê afastada e recuada frente às artes voltadas para pessoas com melhor status social, artes essas que facilmente podemos ver em grandes museus. O crochê, diferente da arte para museus, é uma arte acessível, onde pessoas conseguem facilmente passar o ensinamento dessa arte entre seus iguais em uma mesma família.

A motivação para a presente pesquisa tem cunho pessoal, visto que boa parte das mulheres de minha família são ligadas à essa arte e aprenderam sempre com uma figura materna, não necessariamente sendo a mesma matriarca da família. Nota-se que cada artesã na família tem seu próprio estilo artístico, onde uma apresenta um ponto mais fechado, outra mais aberto, outra prefere fazer intercalando ambos os tipos, enfim, cada uma trazendo uma marca pessoal e criatividade ao fazer artístico do crochê.

Desta feita a pesquisa voltada para o crochê na arte-educação formal visa compreender melhor como essa arte tão popular é ensinada formalmente no contexto escolar, e como o ensinamento dessa arte estimula o desenvolvimento sensorial, motor e criativo da criança e do adolescente. No contexto da arte-educação informal, é abordado como essa arte tem forte potencial terapêutico e contribui para a manutenção das habilidades psicomotoras.

O primeiro capítulo, intitulado “Crochê - Linguagem e Arte” aborda possíveis origens do crochê em diferentes partes do mundo, onde Pezzolo (2019) e Paludan (1995) discorrem sobre possíveis formas dessa arte ter se espalhado em todos os cantos. O capítulo também aborda o crochê puramente como forma de arte, para isso há alguns artistas referenciados que usam da técnica para criar intervenções urbanas peculiares, originais e extraordinárias.

Também é exposto o quanto essa arte tem notória influência na melhora no bem-estar de quem a pratica e aprecia, mostrando a importância de haver intervenções urbanas com essa arte. Dentro deste capítulo, é narrado mais sobre o crochê dentro do ambiente familiar, onde essa arte possui forte vínculo com expressões culturais, familiares e históricas de um povo. Agrega valor aos ensinamentos ancestrais, cria vínculos dentro de uma mesma família, repassa conhecimentos que não podem ser substituídos pela tecnologia nem por inteligências artificiais, sendo uma arte de extremo valor e riqueza, que, por sua vez, não é determinada por valores monetários.

O crochê no ambiente escolar é o próximo tema referenciado dentro desse primeiro capítulo. A arte, amplamente difundida por todo o Brasil, apesar de carregar riquezas culturais de grandes pesos, muitas vezes é uma arte que passa despercebida na educação. É referenciado dois sistemas de ensino, um privado e um público, onde nota-se que, além de ser possível introduzir essa arte na educação, têm se mostrado com enorme potencial didático e lúdico.

O sistema privado referenciado é a Pedagogia Waldorf, onde ensina-se tricô e crochê já nos primeiros anos escolares, onde a criança está no início do aprendizado das habilidades motoras grossa e fina, o crochê entra como um forte aliado nesse quesito, onde ajuda a criança a se concentrar em cada ponto de tricô e crochê, aprimorando a área psicomotora. O mesmo acontece com o sistema público referenciado na pesquisa, que ocorre em uma escola periférica

na cidade de Itajaí. As crianças aprendem o crochê nas trocas de turno e nos intervalos das aulas, e aprendem a criar peças únicas que servem também como auxílio na renda, a arte nesse quesito traz um viés de afeto e ligação entre professor e aluno, que também lembra aquela relação já vista anteriormente, a de mãe-filho, ou mestre-aprendiz.

O segundo capítulo, intitulado “O crochê na arte-educação” apresenta o que é arte-educação para grandes arte-educadores brasileiros, como Ana Mae Barbosa e Duarte Junior. Dentro do capítulo será abordado o crochê na educação formal, em escolas, e na educação informal, em oficinas como SESC. Na educação informal, Thiago do Vale, artista tabatinguense, participa de uma entrevista acerca do seu trabalho com amigurumi e sobre suas oficinas dadas no SESC Araraquara.

2. CROCHÊ - LINGUAGEM E ARTE

A arte do crochê foi transmitida de geração em geração, e pessoas ao redor do mundo adaptaram e customizaram o crochê de acordo com cada cultura, cada nacionalidade, cada descendência histórica e cultural.

Segundo a pesquisadora e escritora dinamarquesa Paludan (1995), há muito pouco embasamento histórico sobre o nascimento do crochê antes do século XVIII, devido à falta de exemplares encontrados. Paludan (1995) cita em suas pesquisas três possíveis maneiras do crochê ter sido difundido, uma na região da Arábia, outra na China e a outra na América do Sul, através de tribos nativas por meio de rituais de puberdade.

Pezzolo (2019), jornalista e escritora do livro “Tecidos: história, tramas, tipos e usos”, apresenta algumas informações em seu livro sobre pesquisas antropológicas realizadas, visando compreender quais as primeiras manifestações têxteis feitas ao longo da história:

No Egito, foram descobertos tecidos feitos de linho que datam de 3.000 a.C. Na Suíça e na Escandinávia, foram encontrados tecidos de lã datando da idade do Bronze (3.000 a 15.000 a.C). Na Índia, o algodão já era fiado e tecido por volta de 3.000 a.C. Na China, a seda já era tecida por pelo menos mil anos a.C. (PEZZOLO, D., 2019, p.7)

Nesta pesquisa foi tratado das relações entre a arte com fios e como ela têm potencial de mudar um ambiente não só na esfera do lar e da família, mas também na intervenção urbana.

Foi investigado o trabalho de alguns artistas que realizam intervenções tendo como matéria principal as artes têxteis com crochê. Uma das artistas referenciadas na sessão da

intervenção urbana será a texana Magda Sayeg, criadora do movimento "Yarn Bombing". A artista intervém nas ruas de Houston, TX, e conta que uma das primeiras intervenções feitas foi em uma maçaneta de uma loja, onde Magda a chamou de “Alpha Piece”, Magda conta que todos paravam para fotografar a intervenção.

O nascimento do Yarn Bombing se deu pela necessidade de Magda de sentir calor e afeto humano vindo de ambientes sem vida, como uma maçaneta (primeiro objeto que recebeu intervenção artística com os fios de Sayeg). Isso mostra o quanto o crochê é ligado ao afeto, visto que é um dos pilares do nascimento do Yarn Bombing.

A Figura 01 mostra a arte “Alpha Piece”, primeira arte Yarn Bombing feita por Magda Sayeg.

Figura 01 - Magda Sayeg, Alpha Piece, crochê sobre maçaneta, 2005.



Fonte: <https://dsvc.org/event/magda-sayeg>

Figura 02 - Magda Sayeg, crochê sobre trailer.



Fonte: <https://robhann.com/>

Figura 03 - Magda Sayeg, crochê sobre ônibus, 2008.



Fonte: <https://www.textileartist.org/5-urban-textile-artists/magda-sayeg-crocheted-covered-bus-in-mexico-city/>

As figuras 02 e 03 mostram duas obras em crochê de Magda, onde a arte do Yarn Bombing já conseguia ser concreta em intervenções maiores, como ônibus e trailers.

No Brasil, Ernesto Neto, um artista conhecido por sua poética contemporânea, cria uma relação entre o corpo humano e a arte com fio. Na arte “Dengo”, o artista cria uma espécie de “úvula” com fios, onde a mesma é preenchida com especiarias, criando diferentes formas de estímulos. Wilson (2010) nos diz:

Essas obras de arte causam uma resposta física e envolve os sentidos da visão, tato e olfato à medida que o participante caminha através destas instalações do tamanho de uma sala. [...] O visualizador (re)descobre seu próprio corpo enquanto experimenta o ambiente da instalação. (WILSON, 2010, p.1)

Figura 04 - Ernesto Neto, Dengo no MAM - Museu de Arte Moderna, 2010



. Fonte: <https://www.flickr.com/photos/360o/5164976474>

Segundo Price (2015), o tecer se mostra um artesanal vibrante, bem como um processo que reúne a facilidade da prática com materiais diversos, a capacidade de refletir e projetar a criatividade e envolver também construções de relações sociais incrivelmente ricas. Alguns artistas utilizam da arte têxtil como forma de obtenção de um melhor espaço e um melhor convívio em sociedade. A arte pode mudar drasticamente um ambiente dependendo da intenção depositada na obra, produzindo bem-estar. Além disso, sabemos que é muito comum que pessoas que fazem crochê relatem o quanto isso lhes faz bem. Alguns autores citam que as qualidades rítmicas do crochê juntamente com a sensação de estar produzindo através de uma

expressão criativa, têm sido celebradas pelo seu extremo potencial terapêutico (CORKHILL *et al.*, 2014).

2.1 Crochê no ambiente familiar

Segundo Oliveira e Mourão (2021), o crochê é tido como uma forma muito familiar de arte, onde o objeto/material traz consigo o apego e o afeto, onde de fato acontece: Quantas famílias não passaram essa arte de gerações em gerações? Alguns livros contam as histórias de como artistas receberam os ensinamentos do crochê por meio de entes próximos e como isso proporcionou uma forma de ligação maior entre eles.

No livro “My Grandmother's Knitting: Family Stories and Inspired Knits from Top Designers”, escrito por Larissa Brown, vários relatos são contados. Um deles é a de Meg Swansen, filha de Elizabeth Zimmermann (professora que revolucionou a arte moderna do tricotar, tendo lançado diversos livros ao longo da vida e apresentado programas de TV onde ensinava a arte para a população estadunidense). Meg diz no livro que aprendeu a arte com a mãe aos cinco anos de idade, e descreve que estava na frente da mãe, e subitamente os braços de sua mãe se encontravam ao redor dela. Meg então, diz que sua mãe, Elizabeth, a guiou através de seus primeiros pontos.

Figura 05 - Fotografia de Meg Swansen com sua mãe, Elizabeth Zimmermann.



Fonte: <https://fruityknitting.com/2018/07/10/meg-swansen/>

O fortalecimento e a manutenção dos vínculos familiares é outro ponto significativo, pois grande maioria de artistas crocheteiros aprenderam a arte em uma relação de ensino mãe-filho, seja em uma família de sangue ou em uma família onde o artista se encontra inserido. Dentro de uma família ou comunidade, o crochê tem a capacidade de mostrar a cultura de um povo, seus traços únicos, suas religiões e suas tradições.

No livro “Memória do Crochê: Cultura Afetiva em Objetos Biográficos”, escrito por Nadja Mourão e Ana Célia Oliveira (2021), as autoras se focam na memória que o crochê carrega, sendo amplamente ligado ao coletivo, onde essas artes “[...] preservam, em sua história, os diversos saberes e fazeres das gerações anteriores, sendo importante relembrar os objetos nos contextos em que estão inseridos.” (Mourão & Oliveira, 2021)

O crochê é intrínseco em muitas expressões culturais, históricas e familiares, podendo haver variações de traços, cores, tipos de linha, tipos de agulha, agregando para a história de um povo, trazendo sua singularidade dentro da pluralidade de culturas. Cada peça sempre será única, e, segundo Borges (2011) o crochê tem a dádiva da beleza da imperfeição, ou uma “boniteza torta”, resgatando a importância da arte feita à mão e resgatando, também, a importância dos saberes ancestrais e das culturas locais. Borges (2011) ainda afirma que os trabalhos em crochê “[...] transmitem cultura, memória. Trazem um sentido de pertencimento. Por tudo isso, podem tocar – e o uso do verbo tocar não é fortuito – nosso coração, a nossa alma.” (BORGES, 2011, p. 204).

Um grande exemplo de arte em crochê que sentimos um forte vínculo afetivo é o *granny square*, ou quadradinhos de vovó, que fizeram parte da infância e vida de muitas pessoas, não só no Brasil, mas havendo relatos da presença dessa arte por todo o mundo. Também sendo comumente ensinado pelas avós e mães, o *granny square* marca presença tanto estética quanto afetiva no nosso cotidiano.

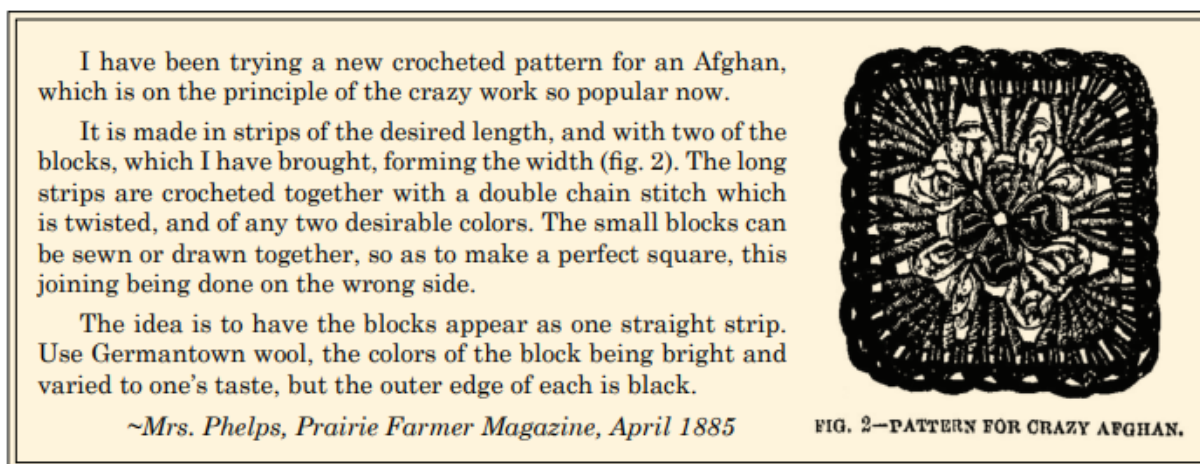
A primeira aparição dessa forma de arte foi na revista estadunidense “Prairie Farmer”. Mrs. Phelps publicou na revista que estava tentando fazer uma nova forma de crochê e ensinou o que sabia até então:

Estou experimentando um novo padrão de crochê para um afegão [tradução de Afghan, nome dado às colchas feitas com junções de *granny squares*], que se baseia no princípio do trabalho maluco [tradução de *Crazy Work*] tão popular atualmente. Ele é feito em tiras do comprimento desejado e com dois dos blocos que eu trouxe formando a largura (fig. 2). As tiras são crochetasas juntas com um ponto de corrente duplo que é torcido e de quaisquer duas cores desejáveis. Os blocos pequenos podem ser costurados ou puxados juntos, de modo a formar um quadrado perfeito, essa junção é feita do

avesso. A ideia é fazer com que os blocos pareçam uma tira reta. Use lã Germantown, as cores do bloco podem ser vivas e variadas a gosto do freguês, mas a borda externa de cada um é preta. (MR. S PHELPS, *Prairie Farmer Magazine*, 1885)

Os termos citados por Mrs. Phelps, como “trabalho maluco” e “crochê para afegão” eram referentes aos termos em inglês “*Crazy Work*” e “*Afghan*”, que estavam em alta em 1880 nos Estados Unidos. “*Crazy Work*” foi o nome escolhido pois as colchas crochetas na época eram feitas com cores vibrantes e que não necessariamente havia concordância estética entre elas. Era basicamente uma experimentação em forma de colchas. “*Afghan*” eram os nomes dados às colchas feitas de vários quadradinhos de crochê, no estilo *granny square*, juntos, como o nome bem diz, essas colchas tiveram sua origem no Afeganistão.

Figura 06 - Recorte da postagem da Mr.s Phelps na revista *Prairie Farmer Magazine*, em abril de 1885.



Fonte: The Yarn Queen.

No Brasil, o *granny square* era mais comum em tapetes e colchas para o sofá. A arte também se popularizou muito porque, por se tratar de quadrados de cores aleatórias, podia ser usado os restos de linha que já havia, sendo uma arte muito econômica de se fazer.

Figura 07 - Exemplos de crochês feitos no estilo *granny square*.



Fonte: hanjancrochet.com/history-of-the-granny-square/

A fim de buscar compreender melhor sobre como o crochê atua dentro de uma família, transpassa gerações e aproxima pessoas e culturas, Fabiana Cristina Mengue, mãe da pesquisadora da presente pesquisa e também crocheteira, aceitou responder algumas perguntas voltadas para a arte do crochê. A entrevista foi realizada no dia 30/04/2023, de forma remota.

A. Fabiana, como sua história com o crochê se iniciou? Com quem aprendeu?

F. Em uma época de férias, eu, quando tinha 28 anos de idade, tinha uma vizinha muito querida, era uma verdadeira mãezona. Era cadeirante, não tinha muito o que fazer pra passar o tempo, então ela crocheta o dia todo, eram cada crochês lindos... Eu fui me encantando e ela me disse que me ensinava, comprei umas linhas e agulhas e fui aprender. Hoje com meus 43 anos ainda crocheto com muita alegria, graças aos ensinamentos da Vó Amélia.

A. O que você sente quando faz crochê?

F. Adoro fazer crochê, me sinto muito bem, são momentos de relaxar a mente.

A. Você entende o crochê como uma arte? Qual a importância do crochê na sua vida e seu cotidiano?

F. O Crochê é uma verdadeira arte, existem trabalhos lindíssimos feitos com crochê, inspira pessoas a ir além do que se pode imaginar, no meu cotidiano, além de terapêutico, também é importante como fonte de renda.

A. Você acredita que o crochê tem importância cultural? Tem a capacidade de conectar culturas e perpetuar antigos costumes?

F. O crochê tem uma grande importância cultural, quando aprendi a crocheter, aprendi a fazer com a Vó Amélia por amostras de crochê feitas na Itália. Ela veio “mocinha” da Província de Vicenza, na Itália. Tinha 89 anos e ainda passava os ensinamentos que aprendeu em sua juventude!

A. Acredita que o crochê tem o poder de aproximar as pessoas?

F. Sempre, adoro trocar amostras minhas entre mim e minhas irmãs, até mesmo com as amigas, sempre é bom ter um modelo novo de biquinho [se referindo aos bicos de crochê feito em panos de cozinha], uma toalha diferente.

Algumas fotos foram tiradas do trabalho de Fabiana, sua mãe, Ivone e sua irmã, Célia a fim de comparação entre cada arte/amostra. As artes em crochê da artista, além de possuírem um ponto mais fechado e delicado, são feitas em linha de crochê fina e colorida, podendo ter também degradê nas cores da linha.

As obras de Ivone, são majoritariamente feitas com lã grossa/espessa e colorida. A técnica do *granny square* é muito presente em seu acervo, como é mostrado na figura 14, como Ivone costumava produzir muito, algumas obras não chegaram a ser finalizadas, pois ela já se encontrava crochecendo outras.

Célia costuma trabalhar com barbante como base para seus crochês, onde as obras apresentam a cor branca como foco. Os crochês de Célia também apresentam pontos mais largos, pois o barbante escolhido possui maior espessura, se assemelhando às artes de sua mãe Ivone.

Figura 08 - Fabiana Cristina Mengue, primeiro crochê. Feito em meados de 2008.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 09 - Fabiana Cristina Mengue, crochê laranja. Feito em 2023.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 10 - Fabiana Cristina Mengue, pano de prato pintado e crochê.



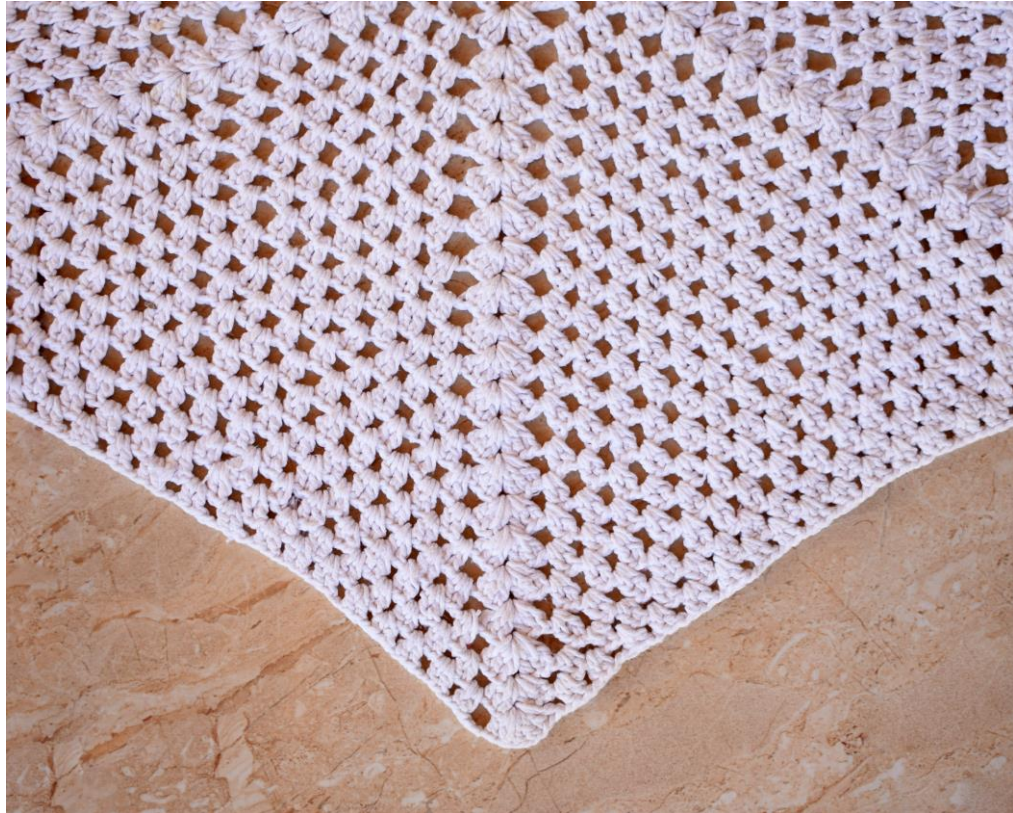
Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 11 - Célia Regina Mengue Santos, caminho de mesa em crochê.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 12 - Célia Regina Mengue Santos, tapete em crochê.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 13 - Ivone Andreoli Mengue, crochê colorido.



Fonte: Foto tirada pela autora.

Figura 14 - Ivone Andreoli Mengue, tapete colorido no estilo *granny square* (usando sobra de linhas).



Fonte: Foto tirada pela autora.

2.2 Crochê no ambiente escolar

De acordo com reportagem do Balanço Geral Itajaí (2017), na cidade de Itajaí - SC, no bairro São Vicente, no estado de Santa Catarina, uma escola municipal usa o intervalo entre as aulas para criar um momento de recreação para os alunos. Nessa iniciativa instituída desde 2012, os estudantes aprendem a fazer crochê e tricô, além de também aprenderem a costurar com máquinas para costura, estando presente nas aulas tanto o público masculino quanto feminino.

Todo o material utilizado é doado pela comunidade, inclusive também contam com a ajuda dos pais dos estudantes. A escola possui 148 alunos e a maioria são meninos. No início, houve várias resistências por parte dos garotos, afinal, essa arte sempre foi muito ligada à esfera feminina, porém, após o aprimoramento das habilidades com a arte, os meninos mostraram se divertir muito com os trabalhos manuais, dando preferência em criar bolas e tapete, e as garotas, cachecóis e bolsas.

A diretora da escola, Adriana dos Santos, afirma que essa atividade ajuda a quebrar alguns conceitos pré-estabelecidos na sociedade vigente atual. A diretora complementa: “Há tanto preconceito, há tanta discriminação. E a gente quer tornar o ser humano cada vez mais

amoroso, mais sensível. A gente acredita que com essas atividades a gente estimule isso" (Balanço Geral Itajaí, 2017).

O estudante Pedro Henrique de Oliveira Chaves, de 12 anos, afirma: "Foi bem fácil, a professora sempre fazia com as outras pessoas, daí um dia a professora me ensinou a fazer e depois de dois dias eu já estava fazendo" (Balanço Geral Itajaí, 2017). Alguns alunos possuem mais facilidade e outros mais dificuldade, assim como qualquer início de aprendizado em arte, mas mesmo alguns tendo mais dificuldade, não desistem e dizem que acham as propostas divertidas, mesmo sendo uma atividade completamente nova.

Iago Cardoso, aluno da escola, diz: "Foi difícil pra mim, porque eu não estava entendendo muito bem, mas agora que aprendi já estou melhor!" (Balanço Geral Itajaí, 2017). Alguns casos inusitados também ocorrem na escola, como no caso da aluna que é canhota. A professora, Fátima Demartino, é destra e teve muita dificuldade para ensinar a aluna, porém insistiu no ensino da técnica e, atualmente, a aluna é um destaque na arte de crochê.

A professora Fátima ministrava aulas de Língua Portuguesa e hoje seu foco é exclusivamente na arte-educação, ministrando aulas de crochê na escola para crianças de 6 anos até adolescentes de 14 anos. A professora diz que qualquer um pode aprender essa arte, e que o projeto conta com outros objetivos além do aprimoramento hábil. Fátima afirma que a arte do crochê vai muito além de montar suas próprias peças: "Trabalhando também a questão do consumismo, descarte de material, o cuidado com o uso dos produtos que a gente tem, o descarte que a gente vai fazer" (Balanço Geral Itajaí, 2017), explicando que o pensamento crítico também permeia os ensinamentos que o crochê trabalha.

Alguns alunos da escola utilizam o tempo que têm disponível das oficinas de crochê para criar belas peças como chaveiros de crochê e dedoches, que serão eventualmente vendidas e ajudarão com uma renda.

O crochê é muito presente em algumas pedagogias específicas, dentre elas, a Pedagogia Waldorf, criada pelo filósofo alemão Rudolf Steiner, logo após a Primeira Guerra Mundial. Steiner propôs um ensino onde o aluno passasse por uma construção de um ser integral, para isso a pedagogia tem como um dos principais pilares a Arte e suas linguagens. A arte tem um papel muito importante na vida dos estudantes, onde "as atividades artísticas não devem processar-se à margem dos estudos; devem constituir, pelo contrário, o próprio coração do trabalho escolar". (KÜGELGEN, 1984, p.63).

Para Lanz (2016, p.135), "[...] matérias artísticas e artesanais não constituem, na Pedagogia Waldorf, apenas um complemento estetizante; trata-se de disciplinas que recebem a

mesma atenção que as demais e são consideradas de igual importância para a formação do jovem.”

Tendo isso em vista, nota-se a grande importância que a arte tem na vida dos estudantes, beneficiando inúmeras áreas não apenas da imaginação, mas também das habilidades psicomotoras e da noção de consciência pessoal, física e mental.

O currículo que a Waldorf segue nas áreas de trabalhos manuais e artes aplicadas têm início bem cedo na vida dos educandos, começando já nos primeiros anos do aprendizado. No primeiro ano, estuda-se o tricô, e no segundo ano estuda-se o crochê. A diferenciação de atividades se dá pelo motivo do tricô usar as duas mãos, sendo uma arte mais fácil de aprender no início, e o crochê ser feito apenas com uma mão, necessitando de um certo avanço nas habilidades motoras.

3. O CROCHÊ NA ARTE-EDUCAÇÃO

Antes de abordarmos o que é o crochê na arte educação, é necessário discorrer sobre o que são arte e educação propriamente ditas. Para Ana Mae Barbosa (2006), em seu livro *Arte-Educação no Brasil*, a arte é uma junção da criatividade e do desenvolvimento cognitivo, que ocasionam em ideias e atos. De acordo com a autora, a arte envolve então o fazer e o pensamento criativo. Nesse sentido, Duarte Junior (2007) diz que a arte sempre é a criação de uma forma, podendo ser ela estática ou dinâmica. Essas formas, que se apresentam na arte, constituem maneiras de exprimir os sentimentos. A arte tem o poder de dar expressão ao sentir, concretizando os sentimentos. Segundo Duarte (2007), a arte se revela no seguinte excerto:

A arte, em todas as suas manifestações, é, por conseguinte, uma tentativa de nos colocar frente a formas que concretizem aspectos do sentir humano. Uma tentativa de nos mostrar aquilo que é inefável, ou seja, aquilo que permanece inacessível às redes conceituais de nossa linguagem. As malhas desta rede são por demais largas para capturar a vida que habita os profundos oceanos de nossos sentimentos. Ali, quem se põe a pescar, são os artistas. (DUARTE JUNIOR, 1994, p.48)

Atualmente, as escolas seguem uma linha de ensino voltada para o aprimoramento dos saberes sistematizados. Saviani (2016, p.58) afirma que “pela mediação da escola, dá-se a passagem do saber espontâneo ao saber sistematizado, da cultura popular à cultura erudita”,

onde a escola usa de base as culturas populares para chegar, enfim, na obtenção dos saberes sistematizados, Saviani também diz:

Mas, se a escola se justifica em função da necessidade de assimilação do conhecimento elaborado, isto não significa que este seja mais importante ou hierarquicamente superior. Trata-se, na verdade, de um movimento dialético, isto é, a ação escolar permite que se acrescentem novas determinações que enriquecem as anteriores e estas, de forma alguma, são excluídas. Ao contrário, o saber espontâneo, baseado na experiência de vida, a cultura popular, portanto, é a base que torna possível a elaboração do saber e, em consequência, a cultura erudita (SAVIANI, 2016, p. 58)

De acordo com o referido pelo autor fica evidente que a construção do conhecimento deve partir do repertório e da bagagem cultural que o aprendiz já possui. Porém, na prática, vemos que as culturas populares, muitas vezes são tidas como menos importantes. Mostra-se nítido a notabilidade do crochê para o desenvolvimento hábil, cognitivo dos educandos, principalmente as crianças.

Mas muitas vezes, esse papel de desenvolvimento fica à cargo de atividades desinteressantes e que não prendem a atenção das crianças, sendo estas práticas perpetuadas através de várias décadas, como a pintura com lápis de cor em desenhos já impressos e entregues aos alunos.

Esse tipo de conduta pedagógica não instiga a criatividade nas crianças, sempre havendo, também, um cânone artístico de cores a se seguir, ou seja, os alunos já recebem os desenhos impressos, muitas vezes sem poder escolher qual o desenho prefere e as cores já são definidas, também não permitindo que a criança experimente diferentes possibilidades e possa se expressar artisticamente.

Sabemos que o crochê permite a escolha de diferentes materiais, como lã, barbante, linhas, linhas grossas, com glitter, com pompons, texturizadas e de diferentes cores, fibras naturais, retalhos de tecido, malhas e o que a imaginação quiser e puder crochetar. A criança tem a possibilidade de escolher qual linha mais tem afinidade e é capaz de produzir diferentes formas de arte, sendo uma arte extremamente lúdica que tem o poder de prender a atenção das crianças, além, claro, de conseguir cumprir com sua função de apoio pedagógico e melhorar as habilidades psicomotoras das crianças.

O ensino de artes que são culturalmente populares ajuda a criança a perceber qual a importância da cultura, sendo essa arte já presente no cotidiano da criança, fazendo também com que o aluno sinta importância da arte que ela e que outros membros de sua família fazem,

compreendendo melhor sobre artes que são tão importantes e que muitas vezes acabam sendo esquecidas com o tempo.

Segundo Felix (2022), o atual enfoque de conhecimento nas escolas ignora uma parte importante para o aprendizado:

O conhecimento gerado nas escolas vem acompanhando e dando suporte ao sistema dominante das ciências modernas e à sua lógica do pensamento simplista e hiper especializado. O predomínio do ensino compartimentado, desconexo dos fenômenos da natureza e da vida contribui para formação de uma visão reduzida e acortinada das variadas dimensões da realidade da vida vivente, levando-nos a uma “cegueira branca” [referência ao livro de Saramago, “Ensaio sobre a Cegueira”, de 1995]. Segundo pesquisadores essa premissa é a principal causa pelos inúmeros problemas sociais que atingem a sociedade contemporânea ocidental. (FELIX, 2022, p.13)

Gramsci (2004) propôs que o educando precisa, nos sistemas educacionais, ter sua formação integral. Isso significa que, além do conhecimento acadêmico, o educando precisa ter em seu currículo educacional a inserção do trabalho. A concepção de trabalho para Gramsci é a alteração da natureza pelo homem, e ações de trabalhos manuais como o crochê se enquadram como trabalho. Gramsci revela que a escola precisa ser um ambiente livre, onde além de aprendizados acadêmicos também deve haver momentos em que o aluno possa se expressar.

[...] Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e não constrinja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se por um caminho cuja meta seja prefixada. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa, não uma escola de escravidão e de orientação mecânica. Também os filhos do proletariado devem ter diante de si todas as possibilidades, todos os terrenos livres para poder realizar sua própria individualidade do melhor modo possível e, por isso, do modo mais produtivo para eles mesmos e para a coletividade. (GRAMSCI, 2004, p. 75).

Mediante isso, torna-se visível que a educação sistematizada e de áreas específicas têm importância na vida dos educandos, porém esse método de ensino prioriza esse sistema em detrimento dos ensinamentos ancestrais e culturas populares, como no caso do crochê, excluindo, também, uma parte importante da cultura dos educandos, impossibilitando que o aluno experimente possibilidades educativas diferentes e impossibilitando-o de compreender sua própria individualidade e opinião.

3.1 Crochê na educação formal

É abordado, nesse tópico, o crochê como promotor do desenvolvimento de habilidades na Pedagogia Waldorf, que é citada como uma possibilidade de inserir o crochê na educação formal. As etapas da educação Waldorf também tem enfoque, visto que o crochê está intrinsecamente ligado aos primeiros anos de infância do educando, trazendo notória importância no desenvolvimento psicomotor, além, claro, de desenvolvimento estético e criativo, levando o aluno a achar sua própria individualidade e formas diferentes de se expressar.

A Pedagogia Waldorf contempla várias formas de trabalhos manuais, dentre eles estão o tricô, o crochê, trabalhos com tear, bordados em ponto cruz, costura, macramê e diversos outros trabalhos que tem como base a arte têxtil.

Lanz (2016, p. 117) afirma que “o currículo Waldorf contém, do jardim de infância até a última série um programa de atividades artísticas e artesanais, tão intimamente adaptadas à faixa etária de cada classe quanto o é o ensino das matérias tradicionais.” A Pedagogia Waldorf busca criar um pensamento vivo na criança através do aprimoramento da movimentação dos dedos e mãos, em diferentes atividades, como trabalhos manuais, tocar flauta, jogos rítmicos de dedos, entre outras.

No primeiro ano, os alunos iniciam seus aprendizados em trabalhos manuais. O tricô é introduzido na educação dos pequenos, sendo ensinado primeiro o tricô de dedos, onde essa técnica é mais fácil para ensinar para crianças pequenas, visto que a coordenação motora delas ainda não permite que saibam manusear as agulhas. Logo após estarem mais hábeis no tricô de dedos, é iniciado o tricô com agulhas para tricô, fabricadas, geralmente, pelos próprios pais dos alunos.

No segundo ano, as crianças começam a aprender mais sobre o crochê. Inicialmente, assim como o tricô, os alunos aprendem primeiro a versão da arte só com os dedos. Assim que estiverem mais hábeis no crochê de dedos, as agulhas para crochê também são introduzidas no ensino.

Nessa etapa da vida dos educandos, já pode-se perceber a predominância de uma mão, então os alunos utilizam a mão dominante para segurar a agulha do crochê (que só se usa uma agulha, diferente do tricô que são duas agulhas). Enquanto o educando usa uma mão para a agulha, a outra serve como apoio na hora de passar em cada ponto. Como os pontos de crochê podem ser pouco espaçados, as cores das linhas de crochê são importantes para ajudar o aluno a não se perder no processo.

Nas aulas, os trabalhos manuais permitem um desenvolvimento inicial da motricidade-fina em ambas as mãos. A criança aprende a usar, a princípio, as duas mãos, conseguindo sensibilizar e focar posteriormente suas habilidades em apenas uma, para fazer o crochê. Tanto o tricô quanto o crochê são atividades desenvolvidas respeitando a evolução do aluno, que é uma ação fundamental no início do aprendizado dos pequenos.

A música também possui extrema presença no dia-a-dia e nas atividades didáticas cotidianas das crianças Waldorf. Ela se mostra assistente no ensino do crochê e tricô, visto que a música tem a capacidade de transformar as atividades manuais em aprendizados mais lúdicos, sendo uma forma de obter conhecimento por meio das cantigas e brincadeiras em sala de aula.

3.2 O crochê na educação não-formal

Oficinas que remontam ao mundo do crochê ganham cada vez mais espaço na arte-educação, sendo muito comuns em todas as faixas etárias.

Thiago do Vale, nascido em Tabatinga – SP, é um artista/artesão crocheteiro que tem como enfoque a arte do amigurumi, uma arte que surgiu no Japão e atualmente está presente em todo o mundo. Nessa arte, são confeccionados bonequinhos de crochê, podendo ter várias aparências, das mais diversas espécies e fantasias.

Thiago do Vale falou um pouco mais sobre suas vivências em uma entrevista redigida, que busca trazer maior aporte sobre o crochê como possibilidade de ensino não-formal e maior visibilidade para esse tipo de arte. A entrevista foi realizada no dia 30/04/2023, de forma remota.

A. Thiago, como iniciou sua história com o crochê? Com quem aprendeu?

T. Minha história como o crochê inicia-se em 2013 quando morei com uma prima que faz crochê, eu estava no mestrado e a via fazendo e tive curiosidade, ela não conseguia me ensinar e então fui ver vídeos no Youtube e fiz alguns tapetes sem nem entender ao certo o que estava fazendo e o porquê das coisas (risos). Deixei as linhas e agulhas de lado e nunca mais as peguei, até que em 2020, em casa e desempregado eu lembrei delas, peguei novamente, vi outras vídeo aulas e iniciei um tapetão, não tinha linha suficiente e fui emprestando de familiares que fazem crochê porque não queria gastar com algo que era só uma ocupação pro momento.

Quando acabei esse tapete postei no Facebook e pessoas começaram a me perguntar se eu não aceitava encomendas e eu disse “sim!”, aí dava início ao crochê como trabalho e não mais como hobby, fui fazendo mais e mais até que uma amiga de São Carlos - SP viu e disse:

“Thi por que você não faz amigurumi?”. Confesso que eu nem sabia o que era, ela me mandou fotos e eu vi prontos e pensei que jamais daria conta de fazer aquilo (amigurumi é uma técnica do crochê para fazer coisas tridimensionais, que saem do plano, bem diferente do crochê tradicional), pois bem. Em maio de 2020 me rendi aos amigurumis e trabalhei única e exclusivamente com encomendas. É válido dizer que sou dentista de formação e deixei a odontologia para ser artesão.

A. Como você vê o panorama da arte-educação voltada para o crochê no Brasil?

T. Gostaria que tivessem mais interesse e que ensinar essa arte fosse mais acessível para as pessoas, lógico que em grandes centros até acontecem oficinas e workshops gratuitos, porém isso não chega a muitos municípios, e sim eu vejo o crochê/ amigurumi como uma oportunidade para muitos. Seria até interessante que pudesse ser inserido oficinas em escolas públicas como um projeto de extensão. Conheço escolas particulares que oferecem aulas de crochê e tricô para os alunos.

Mas tem muito o que melhorar e alcançar, infelizmente o crochê no Brasil ainda não tem seu devido valor e reconhecimento e é carregado de estigmas no que se diz respeito à "crochê é coisa de vó", "crochê não é coisa de homem", "ninguém paga o quanto vale" e por aí vai.

A. Quando nasceu a ideia de ser professor de crochê?

T. Desde o início eu sentia que um dia chegaria esse momento de compartilhar meu conhecimento com pessoas, e eu tenho muito o lado político-social na veia, eu amo mostrar e apresentar às pessoas possibilidades, oportunidades de transformação de vidas, eu amo ensinar e sempre amei, fora ser artesão eu sou também palestrante sobre HIV e AIDS, então eu amo compartilhar conhecimento e com o crochê não foi diferente.

A. Em quais locais ou instituições costuma ensinar a arte do crochê?

T. Já fui convidado pelo SESC de Araraquara para uma oficina de crochê online que foi um sucesso em 2021 ou 22. Fora isso, tenho meu projeto social Amigurumis do CRAS onde ministro aulas pela prefeitura 2 vezes na semana, na manhã e tarde.

Participei também em 2022 de um programa de TV (programa aprenda e faça da TV Pai Eterno), levei um projeto do que pode ser feito com o básico dos amigurumis para mais uma vez mostrar para as pessoas oportunidades. Também já ministrei aulas particulares em casa e tenho alguns projetos futuros (risos).

A. Quais os públicos que mais frequentam suas aulas e oficinas?

T. Depende muito: na oficina do SESC minhas alunas eram mais senhoras aposentadas, mas tinha também pessoas mais novas, donas de casa.

Já no meu projeto social, ano passado, na primeira turma, tive mais senhoras também, na nova turma desse ano estou com mais jovens e adolescentes de 10 à 11 anos além de alguns adultos, na turma passada tive também dois alunos do sexo masculino, nessa [desse ano] é cem por cento mulheres.

A. O que seus alunos(as) mais gostam de aprender dentro do campo do crochê? E o que mais sentem dificuldade?

T. Eu só dou aula de amigurumi, é encantador quando eles veem o 1º amigurumi "nascendo", vendo que são capazes. E o que mais sentem dificuldade no início é concentrar-se para contar os pontos e há dificuldade para visualizar os pontos e saber o que é o que, mas isso é totalmente normal.

A. Você acha que o crochê aproxima as pessoas?

T. Sim, o crochê auxilia e muito num melhor convívio social, tenho a experiência de transformação de alunas que eram tímidas, introspectivas, que não abriam a boca para nada e nem socializavam e no final estavam interagindo, participando e mais falantes que nunca.

Além do mais, ele iguala pessoas porque, embora o projeto seja destinado a pessoas de baixa renda, qualquer cidadão pode se inscrever e já tivemos de todas as classes sociais interagindo de igual para igual. Foi e é surreal.

A. O que sente quando trabalha com essa arte? Tem alguma história legal que gostaria de compartilhar sobre ensinar crochê?

T. Me sinto realizado, me sinto completo e com o desejo que mais e mais pessoas pudessem ter essa experiência e oportunidade, é transformador, eu amo o que faço!

Um marco de ensinar e ter escrito esse projeto foi ano passado que fui convidado pelo SEBRAE/SP a levar e expor o projeto social na feira do empreendedor com os produtos que meus alunos tinham produzido em aula, é muito importante ter o nosso trabalho reconhecido e poder levar essa ideia para tanta gente que por lá passou.

Figura 15 - Thiago do Vale (Amiguruthi), "Ursus". Feito em 2021.



Fonte: www.instagram.com/p/CU8YAoAPAFt/

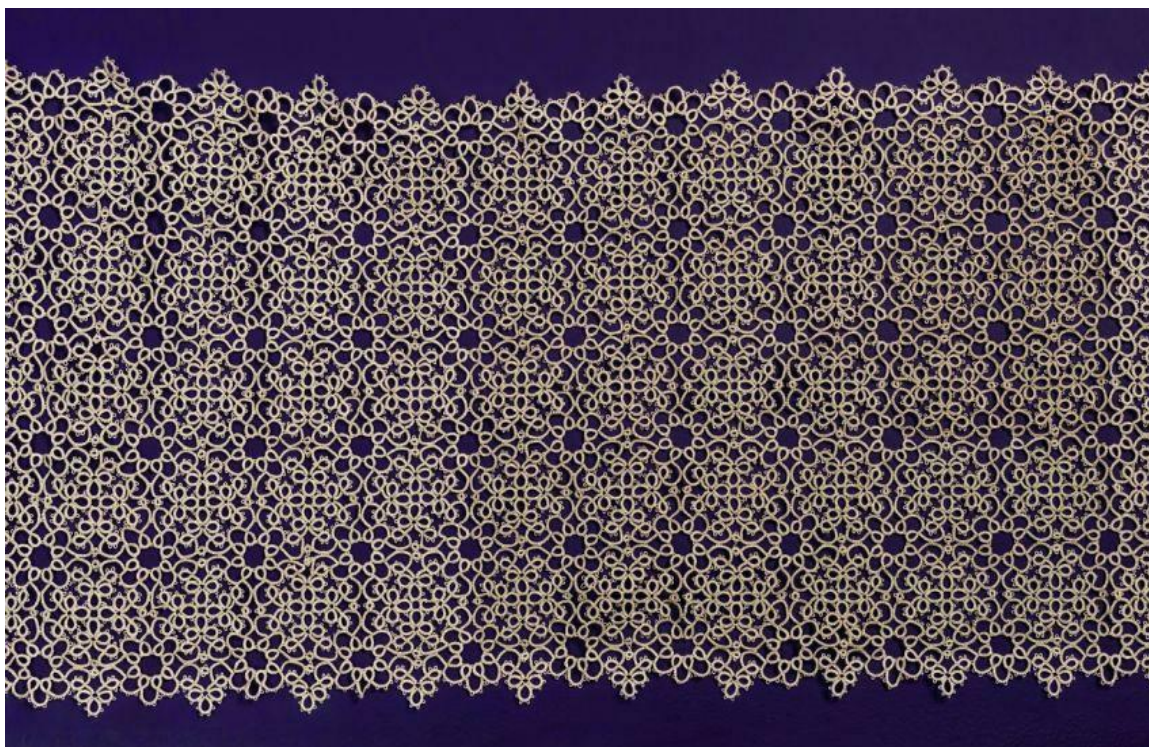
Como citado anteriormente, Thiago foi convidado pelo SESC Araraquara para ensinar a arte do crochê para diversos públicos diferentes. A oficina Entre Meadas, exposta no SESC de Bauru de 2022 a 2023, também oportunizou o contato do público com essa arte.

A arte e cultura de várias mulheres toma voz nessa exposição, contando com artes de 18 municípios diferentes do estado de São Paulo. Diferentes técnicas também se tornam presentes, como a arte em amarrido, bordados, utilização de fibras vegetais para confecção de trabalhos artesanais, nhanduti, artes indígenas e africanas, entre outros.

O que desperta curiosidade nessa exposição é uma arte chamada renda *Frivolité*, um tipo de arte em crochê bem delicada, podendo utilizar em sua produção a agulha de crochê convencional ou um instrumento próprio para essa arte, chamado naveta, também sendo conhecida como navete. A arte em frivolité exposta no Entre Meadas foi a renda de Eliana Bojikian Polito, que aprendeu a arte com sua mãe, quando tinha 13 anos, mostrando que a relação mãe-filha no aprendizado do crochê também ocorreu com Eliana.

A artista conta que a mãe aprendera com uma freira, e rapidamente a ensinou. Eliana também disse que passou o mesmo conhecimento para suas filhas, perpetuando essa arte pouco conhecida no Brasil.

Figura 16 - Eliana Bojikian Polito, Frivolité. Exposta na Exposição EntreMeadas.



: Fonte: <https://www.socialbauru.com.br/2022/10/28/exposicao-gratuita-em-bauru-evidencia-a-singularidade-do-artesanato-brasileiro/>

O Projeto Crisálida, nascido em Bauru - SP, também incentiva a presença do crochê nas exposições. O Projeto conta com a ajuda de catadores e catadoras, que recolhem peças de roupas, onde as mesmas recebem um processo de triagem, lavagem, reparos e que podem ser usados novamente. Essas peças também adotam a criatividade dos participantes do Projeto, onde algumas peças recebem customizações exclusivas. Algumas peças são utilizadas como

matéria-prima para confecção de tapetes de crochê, que são feitos em formato hexagonal, chamados de Tapete Colmeia.

No Instagram do Projeto Crisálida, há um relato de como esses tapetes são produzidos: “Feito por favos, o tapete colmeia é modular, onde nossas meninas trabalham em conjunto. É o produto que nos dá mais aproveitamento do fio de malha, podemos misturar cores e usar muitas sobrinhas.” (Projeto Crisálida, 2022). Esse relato reitera o quanto o crochê é uma arte acessível e ecológica, pois as sobras de linha que seriam jogadas fora podem ser reaproveitadas para criar peças únicas de arte.

Figura 17 - Artesãos do Projeto Crisálida confeccionando um Tapete Colmeia.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CiV1IKKOOjM/?igshid=MTc4MmM1YmI2Ng%3D%3D>

A exposição também conta com um espaço próprio para experimentações artísticas, usando as mãos para conhecer e criar texturas novas e únicas. O espaço se propõe a criar um ambiente para prática livre de trabalhos manuais e oficinas, onde as pessoas presentes podem trocar experiências entre si e aprender mais sobre as artes têxteis na prática.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, podemos compreender que a arte do crochê possui forte valor não só afetivo, mas também um forte valor cultural. Essa arte permite que um povo perpetue seus ensinamentos e crenças (como no caso das pesquisas de Paludan (1995) que apontavam para uma das origens do crochê vinda aqui da América do Sul, onde o crochê era utilizado em rituais de puberdade). Essa arte tão antiga carrega história e diferentes significados, possui em si a habilidade de construir redes de afeto, construir novas histórias e novas formas de se expressar.

O intuito dessa pesquisa foi também de pesquisar a presença dessa arte nas escolas, em tempos em que não parece haver muito espaço para a criatividade unida as manualidades, como a arte do crochê, tendo em conta que o ensino é focado em resultados e metas decorrentes das exigências do atual mercado de trabalho e da estruturação da sociedade capitalista. Sendo assim, pode-se depreender que nesse formato de educação não há espaço para “perder tempo” com atividades voltadas ao estímulo criativo por meio da cultura popular. Portanto, o ensinamento de nossa cultura popular se torna resistência frente aos ensinamentos conservadores, carrega grande poder para podermos capacitar criativamente nossos alunos, fazer com que eles tenham uma personalidade própria, única, singular, além de reconhecerem sua própria história.

A arte-educação não formal também ganhou espaço na pesquisa, tendo a participação do professor e artista crocheteiro Thiago do Vale. Thiago foi convidado pelo Sesc Araraquara a dar aulas de crochê, e em sua entrevista diz que a arte atrai todos os públicos possíveis, já tendo ministrado aulas para turmas jovens, idosas, pobres e ricas. Todos interagiam livremente durante as aulas, mostrando como essa arte permite que pessoas de diferentes tipos se aproximem, troquem dicas, se ajudem na execução da obra, criem laços.

A Exposição Entre Meadas reúne uma coletânea de artes femininas do estado de São Paulo. Dentro da Exposição, podemos focar no Projeto Crisálida, que, com a ajuda de catadores e catadoras, criam peças únicas em crochê, onde a venda é revertida para os próprios trabalhadores e contribuidores do projeto. Projetos como esse são importantes para reduzir o resíduo têxtil da cidade de Bauru, gerando fontes de renda para os cooperados e estimular reflexões acerca da educação ambiental, problema grave que assola todas as regiões do Brasil e do mundo.

Apesar de tudo isso, o crochê não recebe tanta atenção quanto poderia, porém com pesquisas como essa, podemos mudar o olhar das pessoas acerca da relevância histórico-

cultural e educadora dessa arte, trazendo potentes formas de aumentar e libertar a criatividade nas crianças, ajudando o desenvolvimento e criando vínculos entre as pessoas.

A escrita desse trabalho possibilitou que eu revisse essa arte que sempre teve extrema presença na minha vida e no meu convívio em família. Quando criança, minha avó tentou me ensinar o crochê, que aprendeu com minha tia Célia, porém só tinha um problema: eu sou canhota e isso atrapalhava na hora de me ensinar, pois minha avó ficava super confusa! O relato que minha mãe deu em nossa entrevista iluminou minha forma de pensar sobre o aprendizado do crochê em família, já que ela mesma aprendeu mais tarde, com 28 anos. Após essa pesquisa, irei pedir para ela me ensinar o que sabe sobre a arte, e pretendo manter essa arte viva em nossa família por mais tempo.

REFERÊNCIAS

BALANÇO GERAL ITAJAÍ. **Conheça uma escola que disponibiliza aulas de crochê para os alunos.** Youtube, 27 de set. de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zQ8ZAPiAn4Y>> Acesso em: 18 de maio de 2023.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil**. - 5. ed - São Paulo: Perspectiva, 2006.

BORGES, Adélia. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BROWN, L. **My Grandmother's Knitting: Family Stories and Inspired Knits from Top Designers**. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=8g0eEAAAQBAJ&lpg=PA18&lr&hl=pt-BR&pg=PA34#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 15 de maio de 2023..

CORKHILL, B. *et al.* Knitting and Well-being. **Textile: The Journal of Cloth and Culture**, v. 12, n. 1, p. 34–57, 2014.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?**. - 6.ed. - Campinas, SP: Papirus, 2007.

Exposição ENTRE MEADAS. Bauru: SESC - Serviço Social do Comércio, 2023.

FELIX, J.C.R. **Crochê e Educação: Uma proposta pedagógica prática para transdisciplinaridade no IFES Campus São Mateus**. Monografia, Práticas Pedagógicas, INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Linhares – ES. p. 1-52. Ano de publicação: 2022.

G1 SC. **Meninos e meninas passam o intervalo em escola pública fazendo crochê em Itajaí**. G1 Globo, 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/meninos-e-meninas-passam-intervalo-em-escola-publica-fazendo-croche-em-itajai.ghtml>>. Acesso em: 08 de abril de 2023.

GORAYEB, S., MATTOS, M., **Atividades Artísticas e Artesanais na Perspectiva da Pedagogia Waldorf**: contribuições à constituição do sujeito. Revista de Ensino em Artes,

Moda e Design. 2021, 5(2), 49-68. Disponível em <<http://portal.amelica.org/ameli/journal/255/2552319002/>>. Acesso em: 18 de maio de 2023.

LANZ, R. **A pedagogia Waldorf**: caminho para um ensino mais humano. 12 ed. São Paulo: Antroposófica, 2016.

MACHADO, *et. al.* **Pesquisa em Educação: passo a passo**, 2007, Marília, M3T Tecnologia e Educação, 2007.

OLIVEIRA, Ana Célia Carneiro; MOURÃO, Nadja Maria, **Memória**, 2021, v. 5 n. 2, ISSN 2594-4630, pp. 69 - 88

PALUDAN, L. **Crochet: History and Technique**. www.goodreads.com. Disponível em: <<https://www.goodreads.com/book/show/955380.Crochet>>. Acesso em: 4 de março de 2023..

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos - História, Tramas, Tipos e Usos**. Editora SENAC São Paulo. 5. Ed, 2019.

PRICE, L. **Knitting and the City**. Geography Compass, v. 9, n. 2, p. 81–95, 2015.

PROJETO CRISÁLIDA. **Tapete Colmeia**. Bauru - SP, 3 de outubro de 2022. Instagram: @crisalidabauru. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CjREYI6ueCi/?hl=pt>>. Acesso em: 25 de maio de 2023.

SAVIANI, D. **Educação Escolar, Currículo e Sociedade**: o problema da Base Nacional Comum Curricular. Movimento Revista de Educação. p. 54-84. 2016.

SAVIANI, D. **O choque teórico da Politecnia. Trabalho, Educação e Saúde**, v. 1 n. 1, p. 131-152, 2003

SESC Vila Mariana. **Vídeo de Eliana Bojikian sobre Frivolité**. São Paulo, 21 de novembro de 2019. Facebook: Sesc Vila Mariana. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sescvilamariana/videos/2544653762293939/>> . Acesso em: 11 de junho de 2023.

KÜGELGEN, H. V. **A educação Waldorf: aspectos da prática pedagógica**. Tradução Alcides Grandisoli. São Paulo: Antroposófica. 1984

WILSON, S. **O Corpo do Brasil: The Role of the Brazilian Body in the Art of Ernesto Neto**. [s.l.], 2010. Disponível em: <<https://openscholarship.wustl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1507&context=etd>>. Acesso em: 29 de abril de 2023.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) -
FABIANA CRISTINA MENGUE.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é "Mesmo a arte do crochê sendo amplamente difundida em toda nossa sociedade, não só brasileira, mas também global, pouco se fala do crochê como possibilidade educativa. A presente pesquisa traz a problemática da pouca aplicação dessa arte em ambientes educativos, tanto formais quanto não formais, dando atenção para algumas histórias que conseguiram resgatar o crochê no ambiente educativo". Nesta pesquisa pretendemos investigar possibilidades do crochê como arte, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito educacional, bem como pesquisar a presença do crochê como linguagem e arte, o crochê nas áreas de expressão cultural e a arte familiar e o crochê como ferramenta de desenvolvimento de educandos dentro da arte-educação.

Caso você concorde em participar, será feita uma entrevista remota sobre a vivência que o participante teve e/ou têm com a arte do crochê. Esta pesquisa tem alguns riscos mínimos, que são: possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas da entrevista, apreensão ao achar uma resposta adequada, desconforto em responder alguma questão, tomada de tempo do participante. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, as perguntas são formuladas de forma clara, para fácil entendimento e respostas do participante, além da pesquisa não ser exposta em nenhum local que possa constranger algum dos participantes. A pesquisa pode ajudar a compreender melhor sobre como o crochê atua dentro de uma família, transpassa gerações e aproxima pessoas e culturas, além de trazer maior aporte sobre o crochê como possibilidade de ensino não-formal e maior visibilidade para a arte do crochê.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizermos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauri, 13 de junho de 2023.

Fabiana Mengue

Assinatura do participante
RG: 34.435.706-5

Ana Clara Caldeira

Assinatura do pesquisador
RG: 59.019.322-3

Pesquisador Responsável: Ana Clara Caldeira
Instituição: UNESP – Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"
Contato: (16) 99793-5736
E-mail: ac.caldeira@unesp.br
Orientador: Profª Drª Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro
Instituição: UNESP – Universidade Estadual Paulista
"Júlio de Mesquita Filho"
Contato: (14) 99118-2053
E-mail: regilene.sarzi@unesp.br

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - THIAGO DO VALE.



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa "Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte-educativo". O motivo que nos leva a realizar esta pesquisa é "Mesmo a arte do crochê sendo amplamente difundida em toda nossa sociedade, não só brasileira, mas também global, pouco se fala do crochê como possibilidade educativa. A presente pesquisa traz a problemática da pouca aplicação dessa arte em ambientes educativos, tanto formais quanto não formais, dando atenção para algumas histórias que conseguiram resgatar o crochê no ambiente educativo". Nesta pesquisa pretendemos investigar possibilidades do crochê como arte, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito educacional, bem como pesquisar a presença do crochê como linguagem e arte, o crochê nas áreas de expressão cultural e a arte familiar e o crochê como ferramenta de desenvolvimento de educandos dentro da arte-educação.

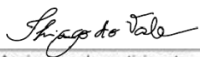
Caso você concorde em participar, será feito uma entrevista remota sobre a vivência que o participante teve e/ou têm com a arte do crochê. Esta pesquisa tem alguns riscos mínimos, que são: possibilidade de constrangimento ao responder as perguntas da entrevista, apreensão ao achar uma resposta adequada, desconforto em responder alguma questão, tomada de tempo do participante. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, as perguntas são formuladas de forma clara, para fácil entendimento e respostas do participante, além da pesquisa não ser exposta em nenhum local que possa constranger algum dos participantes. A pesquisa pode ajudar a compreender melhor sobre como o crochê atua dentro de uma família, transpassa gerações e aproxima pessoas e culturas, além de trazer maior aporte sobre o crochê como possibilidade de ensino não-formal e maior visibilidade para a arte do crochê.

Para participar deste estudo você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano por causadas atividades que fizemos com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você. Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, o pesquisador avaliará os documentos para a sua destinação final, de acordo com a legislação vigente. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Bauru, 13 de junho 2023.


Assinatura do participante
Nome do participante
RG: 43263256-6


Assinatura do Pesquisador
RG: 58.019.322-3

Pesquisador Responsável: Ana Clara Caldeira
Instituição: UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Contato: (16) 99793-5736
E-mail: ac.caldeira@unesp.br
Orientador: Profª Drª Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro
Instituição: UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
Contato: (14) 99118-2053
E-mail: regilene.sarzi@unesp.br